

Vida da igreja Além do Alqueire (3)

Combinando o dom com a necessidade

“Tendo então os dons que diferem de acordo com a graça que nos é dada, vamos usá-los...” (Rom. 12:6)

As pessoas estão sempre tentando reorganizar as engenhocas para fazê-las funcionar melhor. Uma vez, minha irmã tentou religar um gravador. Ela tinha oito anos de idade, um rolo de fita adesiva e uma esperança de que a máquina abandonada começasse a funcionar. Não surpreendentemente, com suas entranhas redirecionadas, ele permaneceu em silêncio, sem nenhum zumbido ou som, mais inutilizável do que era antes. Em uma ocasião diferente, meu irmão tentou “consertar” a pistola de calibre 22 do meu pai. O resultado foi um conjunto de peças desmontadas que, até onde eu sei, ainda estão no fundo de um saco de papel. Aparentemente, quando ele tentou recolocar o revólver, havia peças que sobraram. Essas são lições de montagem e desmontagem.

O Corpo de Cristo é um conjunto impressionante de partes e processos, de membros, juntas e ligamentos. Cada um possui um dom único e esses dons diferem “de acordo com a graça que nos foi dada” (Rom. 12:6). Todos nós devemos ser meios que direcionam a graça para os outros: “como cada um recebeu um dom, ministre-o uns aos outros, como bons mordomos da múltipla graça de Deus” (1 Pedro 4:10). O nível de arranjo no Corpo de Cristo é perfeitamente adequado para fazer circular essa graça, porque “Deus colocou os membros, cada um deles, no corpo como desejou” (1 Cor. 12:18).

Os homens, no entanto, em sua tolice religiosa, não estão satisfeitos com o que agrada a Deus e, portanto, tentam religar e remontar os membros. Alguns dos conceitos que motivam essa confusão são extremos conceituais estranhos. Um deles afirma que “se você gosta do que está fazendo, provavelmente não é o seu espírito, mas a sua vida decaída”. A recomendação é então “negar a si mesmo”, o que se traduz em negar o que lhe trouxe alegria.

A ideia de que não devemos fazer as coisas que gostamos de fazer e que nos dão uma sensação de satisfação é uma das filosofias mais antiquadas residentes no Movimento Igreja Local. De um ponto de vista equilibrado, concordo que os novos cristãos que estão aprendendo a servir a Deus devem tentar várias áreas de serviço diferentes na igreja. Isso não ajuda os iniciantes a se prenderem a uma coisa muito cedo, principalmente porque eles podem parar de encontrar seu melhor ajuste. Além disso, mesmo depois de muitos anos, os membros experientes ainda podem precisar fazer coisas por necessidade que preferem não fazer (ou seja,

meus dons não têm nada a ver com aspirar tapetes de salas de reunião e organizar cadeiras, mas ocasionalmente devo fazê-los).

Mesmo assim, tarefas mal ajustadas não devem dominar a vida de um cristão. O Corpo de Cristo funciona melhor de acordo com sua fiação nativa – isto é, quando os crentes fazem o que o Espírito Santo projetou para eles fazerem. Nunca somos tão abençoados na assembleia como quando cada um presta uma atenção especial às suas principais áreas de graça. Os sentimentos hiperespirituais tendem a não concordar com essas afirmações, suspeitando que a alegria e a realização na obra do Senhor sejam insensíveis. Eles promovem o sofrimento como se fosse uma virtude a ser perseguida e prestam uma honra especial àqueles que devem se forçar a servir ao Senhor. É como se os esmerilhamentos do dever fossem a única maneira legítima de trazer glória a Deus – servindo, mas não gostando, ministrando, mas odiando secretamente. Dizem que isso são as lições mais profundas da cruz. Agora, obviamente, nosso trabalho nem sempre envolve doces sentimentos divertidos, sol e sucesso, sem inconvenientes, distorções ou atritos. Pelo contrário, ao perseguirmos as alegrias ministeriais, suportaremos muitas noites escuras, como o próprio Senhor Jesus, “que pela alegria posta diante dEle suportou a cruz, desprezando a vergonha” (Hb 12:2). Enquanto isso, entretanto, Seu ministério não estava sobrecarregado com Sua própria antipatia pelo que estava fazendo. Houve momentos intensos em que pressões circunstanciais tornaram as coisas desagradáveis para Ele. No entanto, nunca houve um momento em que Ele odiasse curar, ensinar e libertar homens. Sua oração no jardim revelou Seu desejo de um caminho mais fácil, mas não um desejo de abandonar Seu ministério à humanidade. A história de Jesus estava longe da longa labuta relutante. Tampouco se tratava de amor ao sofrimento. Tudo o que Ele fez foi por causa da “alegria que lhe foi proposta”.

Quem foi ensinado que a cruz significa apenas fazer o que não quer fazer talvez deva aprender uma lição adicional. Tomar nossa cruz e seguir a Cristo também significa honrar nossa colocação no Corpo de Cristo, funcionando de acordo com ela, não desprezando a graça que nos foi medida e aprendendo a operar em harmonia com os outros na igreja.

Ainda assim, os defensores da “vida interior” da Igreja Local temem que, se um crente fizer algo e fizer bem, possa resultar em orgulho. Obviamente, quando o serviço é excelente, ele tende a ser apreciado. Algumas pessoas têm a propensão franca de nos informar sempre que gostam de algo que fazemos, sem as reservas religiosas. Uma vez, depois que ministrei uma mensagem, um jovem ficou tão emocionado que me disse: “Cara, você governa!” – foram sentimentos naturais, com certeza. Fiquei feliz porque ninguém mais os ouviu.

No mundo restrito de alguns grupos, as palavras corretivas são desenfreadas. A “Polícia do orgulho” está sempre pronta para dispensar “uma palavra equilibrada”. Começa

com o pigarro cauteloso e depois: “John, você não é o cara, você é um irmão e, além disso, não é você quem governa. Jesus governa.” É verdade. No entanto, a verdadeira mensagem codificada é: “Você não é nada especial e nunca se esqueça disso.” Sem dúvida, esses pequenos lembretes provocam orgulho carnal, mas também esmagam qualquer auto-estima ou incentivo positivo que possa ter surgido inadvertidamente ao seu lado. É uma política de terra arrasada, uma maneira muito popular para os linha-dura da Igreja Local de lidar com membros que podem se tornar bem-sucedidos e depois serem apreciados.

Essa metodologia faz do próprio Movimento um dos ambientes menos amigáveis para com dons e ministérios emergentes. A velha analogia do caranguejo-em-um-balde se encaixa perfeitamente. Pois quando um caranguejo sobe na lateral do balde, outro se aperta instintivamente sobre ele para puxá-lo de volta. Um homem que eu conheço, que é um orador tremendamente talentoso, mas humilde no comportamento, foi convidado a começar a viajar para a América Central. Seu ministério foi tão apreciado que os crentes de lá pediram que ele voltasse. No entanto, uma pessoa da sede do LSM ouviu falar sobre isso, ficou alarmada e começou a fazer comentários sarcásticos sobre como ninguém deveria edificar com madeira, feno e palha – tudo porque alguém tinha sido apreciado e valorizado! O homem talentoso em questão foi “gentilmente” incentivado a encerrar sua agenda de visitas.

A fraseologia de som espiritual é uma ferramenta favorita da Igreja Local para lidar com o orgulho percebido nos outros. Infelizmente, aqueles que a manejam com a maior habilidade geralmente são cegos para seus próprios ciúmes mesquinhos.

Provavelmente as pessoas mais preocupadas com o orgulho dos outros são as mais orgulhosas. Por que um homem é tão hábil em perceber o cisco nos olhos de seu irmão? O cisco nos olhos de seu irmão é da mesma natureza que a trave em seus próprios olhos. Ele a vê à distância, a reconhece e a ataca. Normalmente nada de bom resulta. Homens orgulhosos que tentam ajustar homens orgulhosos só levarão a situações escandalosas. Jesus nos disse que os cegos não poderiam liderá-los sem que ambos caíssem em uma vala. Somente o Senhor sabe como medir deliberada e diretamente Sua cruz para Seus filhos. Aqueles que presunçosamente usurparem o Seu trabalho prejudicarão aqueles que acham que estão aperfeiçoando. Eu já vi crentes de bom coração passar por esse tipo de tratamento por períodos prolongados antes de finalmente sofrer um colapso emocional. Várias deles eram pessoas talentosas cujo único erro era ser apreciado. Como Davi antigamente, foi um “pecado” que lhes rendeu o ódio ardente dos “Sauls” ao seu redor.

A inveja nas fileiras dos líderes da Igreja Local muitas vezes se disfarça de preocupações de que os dons de outros possam ser naturais ou retirar a atenção de Cristo ou

promover a divisão. Mesmo onde essas coisas poderiam ter acontecido, é indesculpável agredir os talentos dos crentes a ponto de prejudicá-los ou torná-los inoperantes.

Dons na Igreja

Qualquer igreja com mais de trinta participantes começará a implodir se os membros não estiverem sendo ajudados a encontrar sua ordenação dada por Deus. Essa pode ser uma das áreas de atenção mais fracas da Igreja Local, com a atitude predominante em relação aos dons de que “o que tem que ser, será”. Normalmente, uma configuração padrão de humor, desejos e turnos rege todos os esforços do ministério. Nenhum deles é muito benéfico.

Quando o humor é o fator de controle de como os dons funcionam, significa que uma pessoa que está mais ou menos comprometida com uma função específica em uma semana perde misteriosamente o interesse na próxima. Ela pode desaparecer completamente por um tempo e recusar o envolvimento ativo. Após um hiato, a pessoa desaparecida aparece, pronta novamente para manter o centro do palco como “a” pessoa sobrecarregada. Membros de igrejas muito pequenas, orientadas para a vida interior, defendem esse hábito de serviço como espiritual – “o vento sopra onde quer” (João 3:8). Suspeita-se que uma abordagem planejada esteja sob o controle de um arranjo do “cristianismo” e não do Espírito Santo. Mas a espontaneidade de roda livre geralmente tem mais a ver com o humor pessoal do que com a espiritualidade genuína. Igrejas locais, igrejas domésticas e congregações atrofiadas que atendem a essa má forma de dons “aqui e agora, sem o amanhã”, geralmente se debatem por toda a sua existência. Eles vivem em um mundo onde a “mão” funciona algumas vezes, mas não em outras; os “pés” desaparecem agora e reaparecem mais tarde. Como os membros de nosso corpo físico poderiam prestar algum serviço confiável para nós, se não podemos “religiosamente” contar com eles de um dia para o outro? A espontaneidade temperamental geralmente falha em levar a qualquer lugar produtivo.

O segundo arranjo problemático tem a ver com os serviços da igreja governados por desejos pessoais. Nessa situação, os crentes sentem-se chamados a certas funções espirituais sem os dons necessários para eles. Alguns cristãos que acham que são grandes pregadores ou músicos podem não possuir nenhum talento na área que selecionaram. O resultado é uma mediocridade embaraçosa que surge no domingo de manhã quando alguém abate uma peça de violão ou como um orador consegue confundir e aborrecer a todos.

Infelizmente, mesmo abordando-os com firmeza e compaixão, muitas vezes não funciona. Em vez de encarar a possibilidade de que eles estão tentando se forçar em uma área na qual não se enquadram, alguns aspirantes a cantores/compositores/oradores/etc., fazem

beicinho ou ameaçam deixar a igreja ou reclamam que não são amados ou apreciados. Outros podem até tentar usar dinheiro ou outras formas sutis de manipulação para garantir sua continuação em um local mal ajustado na igreja. Mas um crente deve funcionar para o bem dos outros e não apenas para sua própria satisfação. Seu desejo não deve superar os benefícios de todos os outros. É por isso que 1 Coríntios, capítulo 13, o famoso capítulo de “amor” de Paulo, é imprensado entre os capítulos 12 e 14, os quais lidam muito com os dons e seu uso.

O último e mais diplomático de todos os maus arranjos é coordenar as funções na igreja como se fosse uma situação de tempo igual, oportunidade igual. Por exemplo, quando cinco líderes entram e saem de papéis de pregação e três deles claramente não são talentosos para falar (ou até sem encargo), isso significa que a igreja sofrerá regularmente durante essas três semanas enquanto a ordenação do Espírito é ignorada. Revezar-se definitivamente dará a impressão de justiça e poupará a todos de sentimentos feridos, mas o perdedor acaba sendo a congregação. Os membros da igreja querem um nível confiável de excelência, algo em que possam contar semana a semana. Se eles souberem que os pontos fortes de sua equipe estarão presentes, faça chuva ou faça sol, o moral aumentará. Eles convidarão novas pessoas para participar de reuniões. Outros ministérios na congregação se fortalecerão com confiança nesses pontos fortes, melhorando ainda mais o poder geral da igreja.

No entanto, mesmo um evangelista ficará desanimado se, depois de levar seus vizinhos a Cristo, ele os leva à igreja apenas para encontrar tudo em um “ritmo lento”. Aqueles que mal conseguem tolerar as crianças estão cuidando do serviço infantil nesta semana. O arrumador é frio, quase rude. Alguém que toca música está basicamente tentando tocar piano pela primeira vez. E o orador tenta abrir uma passagem da palavra sobre a qual ele próprio não tem certeza. O que é pior, esse padrão continua por semanas até que as novas pessoas convidadas desapareçam. Na semana seguinte, elas decidem não vir mais, a programação do serviço é recarregada. A equipe de serviço de “Debbie” e seus filhos super-duperistas está de plantão. O arrumador é Greg, o cara mais caloroso e prestativo da igreja. A música é da sensacional família Smith. O ensino é de Jerry e Fred, que são excelentes comunicadores e amam a Bíblia. É uma pena que as novas pessoas não possam estar lá aos domingos como estes. Eles podem ter ficado por aqui. Nenhum dos crentes talentosos da minha ilustração representa talento de classe mundial, apenas as pessoas da congregação que são as melhores em suas áreas particulares. Porém, quando elas saem da sua ordenação dada por Deus regularmente, a igreja terá dificuldade em confiar em sua própria capacidade de realizar um ministério sério semana após semana.

Toda assembleia tem um ritmo de ministério que vem do esquema de fiação orgânica de Deus. Fazer as coisas de acordo com esse arranjo é muito mais gratificante do que religá-lo de acordo com o humor, os desejos ou a simples rotação irracional.

Encontrando o ponto ideal

Surge a pergunta sobre como determinar o lugar de alguém e, assim, localizar aquele “ponto ideal” sagrado. Esse é um conceito que vez ou outra é ridicularizado no Movimento da Igreja Local. Toda a questão de determinar os dons pessoais parecia artificialmente introspectiva, ridiculamente “individual”. E talvez até certo ponto, a ênfase leviana que alguns cristãos colocavam sobre os dons deu algum apoio a essas críticas. No entanto, com o passar do tempo, observei a desvantagem das pessoas que não sabiam o caminho que deveriam seguir. Os irmãos começaram a contornar a meia-idade, ainda tentando ser um negociador de tudo e um mestre de ninguém. A área menos definida de suas vidas era sua função espiritual. Muitos tinham uma ideia mais clara do que fizeram no escritório do que no empreendimento universal de Cristo e da igreja. Como a identidade espiritual e o propósito individual foram deixados obscuros, o trabalho em equipe da igreja sofreu. As reuniões começaram a parecer uma reunião de pessoas cansadas cuja função havia sido homogeneizada com a de profetas de dois minutos na manhã de domingo.

Tentativas recentes foram feitas para ajudar os cristãos a considerar sua colocação no corpo de Cristo, como o acrônimo de Rick Warren, FORMA [SHAPE, em inglês]. Independentemente de você gostar de Rick Warren ou de siglas, seu pensamento desenvolvido (embora não seja perfeito) ainda merece consideração séria:

F = Formação espiritual. Dons do Espirituais; o talento que você recebeu no momento da salvação. Em que áreas de serviço você tende a trazer graça e dar graça àqueles que estão com você?

O = Opções do coração. Motivações no nível do coração. O que te faz feliz, move você, faz você sonhar?

R = Recursos pessoais. Habilidades. Que habilidades você, sob a soberania do Senhor, foi levado a aprender?

M = Modo de ser. Personalidade. Que tipo de temperamento e tendências naturais Deus criou em você (por exemplo, extrovertido, acadêmico, introvertido etc.).

A = Áreas de experiência. Que educação única você recebeu por causa do caminho da vida que Deus fez com que você trilhasse?

Os termos “habilidade”, “personalidade” e “experiência” provocam acusações. Alguns grupos cristãos veem o equipamento humano básico como sendo meramente natural, não espiritual e, portanto, inútil no serviço ao Senhor. Certamente existem perigos relacionados a pessoas não espirituais que procuram trabalhar para Deus à parte de Sua direção e influência. Mas é tolice e extremado desprezar tudo em nossas vidas anteriores à salvação. Sim, Paulo rotulou todas essas coisas como “lixo” (Filipenses 3: 8), mas apenas como objetos de busca (Cristo era sua paixão e objetivo), como um reino no qual viver e como a base de Seu relacionamento com Deus. É difícil imaginar que o apóstolo rotulasse a educação e a experiência de vida em si como coisas sem sentido.

A parábola de Mateus, capítulo 25, é extremamente instrutiva, ilustrando a entrega de dons redentores aos discípulos do Senhor. Aí encontramos uma frase interessante que indica como Cristo distribui talentos a Seus escravos – “...Ele deu...a cada um de acordo com sua própria capacidade” (v.15). A “capacidade” nesta passagem, que existe antes do talento redentor, é aparentemente uma composição de equipamentos criados – possivelmente disposição, habilidades, temperamento, experiências, etc. Ela forma a base fundamental sobre a qual os talentos espirituais são dados.

O dom de Deus para nós se correlaciona com o Seu trabalho criativo. Ele não nos configura soberanamente durante nossas primeiras vidas e depois entrega um dom incompatível mais tarde, após a salvação. Seria como treinar-nos para ser artistas, mas depois nos conceder um diploma de engenharia mecânica. Como homem não salvo, Paulo foi de cidade em cidade, perseguindo o povo do Senhor (Atos 26:11). Após a salvação, ele foi de cidade em cidade, edificando-os. Ele havia sido um mestre em ascensão no judaísmo, tornou-se o principal na igreja cristã. Certamente da criação antiga para a nova, sua motivação, objetivo e domínio do trabalho mudaram. No entanto, algo sobre sua personalidade motivada permaneceu profundamente. Deus aparentemente mantém uma quantidade significativa de nossa forma passada, ao contrário daqueles que zelosamente negam o valor da humanidade pré-salvação.

Autoavaliações como o FORMA podem ajudar bastante a determinar qual caminho de operação um crente deve seguir. Caso contrário, sem uma consciência do ministério individual, a igreja perderá seus ministérios distintos. Restam apenas algumas possibilidades monótonas para quem quer servir, tornando o serviço em si tão sombrio e incolor quanto ter seu cônjuge ou campo de carreira pré-escolhido para você.

Profetizar em equilíbrio

A diversidade do ministério do Novo Testamento é muito elaborada para uma exploração detalhada neste breve capítulo. Portanto, limitarei minha atenção a alguns dons óbvios que influenciam as reuniões da manhã de domingo. Um deles, profetizar (ou o que foi chamado de profetizar) está no auge da função da Igreja Local. A ênfase nesse exercício em particular ganhou tremenda potência devido ao entendimento da Igreja Local de que “quem profetiza é maior” (1 Cor. 14:5). É uma crença muito comum do Movimento que em 1 Coríntios 14, o apóstolo estava em uma cruzada para promover esse dom específico. Na verdade, sua preocupação mais estratégica era que os visitantes de uma reunião cristã entendessem o que estava sendo dito lá. Ele usou a profecia apenas como um excelente exemplo de cumprimento desse objetivo. Quando se tratava de uma escolha entre um dom que edificava e um que parecia fazê-lo menos, ele os aconselhou a “desejarem sinceramente profetizar” (1 Coríntios 14:39).

A maior parte da mencionada promoção de profetizar por Witness Lee e companhia negligenciava consistentemente a maior leitura de 1 Coríntios 14:5, onde Paulo escreveu: “Maior é quem profetiza do que quem fala em línguas, a menos que ele interprete”. Essa última frase curta realmente coloca as línguas faladas (com interpretação) em igualdade de condições com a profecia, provando que o objetivo do capítulo é promover qualquer dom que estimule a compreensão e a edificação. Eu não sou um falante de línguas e não tenho uma agenda para promovê-la, mas como estudante da Bíblia devo ser fiel ao que Paulo escreveu lá sem preferência pessoal.

Profetizar de acordo com a Bíblia é uma grande coisa. O Antigo Testamento o retrata como a abertura do coração de Deus e a entrega de Seus sentimentos por meio de palavras faladas (com algumas previsões). No Novo Testamento, é um meio muito proveitoso de edificar a igreja. De alguma forma, no Movimento Igreja Local, a realidade primária da profecia foi perdida e outra coisa tomou seu lugar. Mencione o termo hoje e os fiéis da Igreja Local o interpretarão imediatamente como segurando um livrinho e recitando pontos destacados – uma prática gloriosa para eles, mas para pessoas de fora algo ridiculamente artificial e tão ininteligível quanto falar a língua.

Como essa versão maltratada do dom lentamente se tornou uma mercadoria quente nos anos 90, as pessoas da Igreja Local eram geralmente incentivadas e às vezes praticamente forçadas a se levantar e falar em reuniões. A atividade ficou irremediavelmente confundida com a verdade bíblica de todos terem uma “porção” e “todos podereis profetizar um por um”. Naquela época, poucos de nós percebemos que ter uma porção poderia significar mais do que falar em público. E para mim, pessoalmente, o júri ainda está em dúvida sobre se a afirmação “todos podereis profetizar um por um” (1Cor. 14:31) é dirigida aos profetas ou a todos os crentes. Tenho dificuldade em acreditar que isso se aplica igualmente a todos, pois vi alguns

que são pessoalmente pressionados até ficarem doentes com a perspectiva de falar em público. Uma pessoa deve funcionar em uma área que a intimida tanto que vomita e tem diarreia antes de uma reunião?

De qualquer forma, a busca equivocada de transformar todos em profetas falhou em alcançar esse objetivo. As reuniões da Igreja local tornaram-se áreas de preparação para sermões mecânicos carregados de terminologia. O cenário se tornou semelhante a outros lugares onde os cristãos tentavam fazer todo mundo falar em línguas. E mesmo que as reuniões fossem espetacularmente ruins – chatas e difíceis de acompanhar para os visitantes -, continuávamos tentando reproduzi-las. As reuniões ficaram mais longas, mais secas e mais desarticuladas. Os profetas começaram a aquecer os bancos com mais frequência porque não queriam ser acusados de serem clérigos. O esforço para igualar a todos acabou produzindo uma espécie de arena contraproducente, onde, numa reviravolta bizarra, os menos talentosos começaram a dominar o lugar do ministério de falar em público. O resultado dificilmente foi o de incrédulos expostos, confessando “Deus está verdadeiramente entre vocês!” (1Cor. 14:25).

Não foi a primeira vez que a história da igreja viu uma coisa dessas. H.A. Ironside disse das assembleias dos Irmãos que o mesmo arranjo entre elas “[provou] um fracasso sombrio, os homens mais analfabetos e ignorantes muitas vezes foram empurrados para a frente e insistiram em serem ouvidos, enquanto os servos de Cristo mais instruídos e mais bem-educados se escondem em segundo plano e se aposentam” (Ironside 137).

O renomado professor G. H. Lang, que não era proponente de oradores organizados, acrescenta: “A ideia democrática de que todos têm o mesmo direito de ministrar... necessariamente deu oportunidade de falar sem se ter conhecimento. Digno é o comentário agudo de Spurgeon de que, quando o *todo é boca*, o resultado é o *nada*.” (Lang 44).

Como se localizando um brinquedo recém-descoberto, os crentes nas reuniões da Igreja Local estavam inicialmente empolgados com a igualdade de “todo mundo fala”. Eventualmente, mesmo aqueles que foram elevados a um *status* igual ficaram entediados com ele e desejavam que pessoas com dons de verdade falassem mais. Descobrimos que, mesmo que seja verdade que todos podem profetizar, nem todos são profetas. F.F. Bruce, outro notável mestre dos *Irmãos Unidos* comentou sobre isso mencionando “oradores que começam dizendo: ‘eu não sou pregador’ passam a próxima meia hora provando a verdade dessa afirmação”. (Shuff 72)

Não foram apenas os participantes regulares da reunião que perceberam a perda de substância de qualidade. Até o raro recém-chegado que considerava “todos podem profetizar” como novidade acabaria por se cansar disso. Uma mulher entrou em uma reunião da Igreja Local e falou sobre como ela sentiu que o conceito era inovador – nas primeiras semanas em

que esteve lá. Quando ela começou a desaparecer regularmente, alguém perguntou a ela por que ela não comparecia, e principalmente porque ela havia feito críticas tão douradas às reuniões. “Eu tive que ir a algum lugar para me alimentar”, disse ela, timidamente. “Todo mundo falar é interessante, mas preciso de algo direcional e compreensível.” Ao longo dos anos, ouvi inúmeras queixas semelhantes.

Superar esse problema é basicamente uma questão de identificar os mestres e profetas na assembleia e incentivá-los a assumir um papel mais central no ministério da manhã de domingo. Compreensivelmente, isso não funcionará bem em um sistema que ceda a palavra a quem gosta de falar. Mas os oradores devem operar com uma premissa mais ampla do que se experimentam graça pessoal e encontram satisfação em profetizar, ensinar ou outras aplicações públicas. Eles também devem prestar atenção se os que os rodeiam estão recebendo graça de seus exercícios. Sem esse ciclo completo de concordância entre indivíduo e Corpo, as congregações continuarão sendo vítimas de aspirantes a profeta e gastadoras de tempo. Como Paulo instruiu: “Quando toda a igreja se reúne” (1 Cor. 14:23) e a profecia ocorre, isso deve ser feito para edificação (cfr. 1 Cor. 14:26).

Isso não significa que uma ordem de mordaza deva ser feita para os participantes menos talentosos da reunião. Podemos incentivar o discurso participativo de muitas maneiras diferentes. Historicamente, uma das principais maneiras de fazer isso era utilizar o “tempo do testemunho”. Esta seção da reunião seguiu uma mensagem falada, dando aos ouvintes a chance de se levantar e oferecer mais informações. Diferentemente das “profecias”, o testemunho gravitava idealmente em uma mensagem central, sustentando-a com experiências pessoais e talvez um ponto extra ou dois da verdade. Mas como solução, até o “tempo do testemunho” tem suas complicações. Quando não é bem feito, pode se tornar terrivelmente entediante para os visitantes. Um grande número de falantes ainda significa potencialmente várias direções e ênfases, que tendem a diluir o impacto geral. Poucos visitantes têm a prática ou a paciência para classificar conversas adicionais, encontrar as pepitas escondidas ali e juntá-las em uma palavra ainda mais coerente.

A fadiga do ouvinte não é uma queixa vazia. Observei e considerei o padrão de testemunho da Igreja Local por décadas. Só porque segue uma mensagem (mesmo uma bem executada), não significa que ela entregará bens espirituais. Aqueles que prestam testemunho podem não estar claros sobre o que foi pregado, mas querem oferecer comentários de qualquer maneira. Depois, há aqueles que estavam ocupados com um assunto não relacionado e apenas esperavam a sua vez de se levantar e falar sobre o assunto. Alguns membros entenderam claramente a mensagem, mas acrescentaram pontos que desnecessariamente complicam o que foi dito. Outros ainda têm algo a dizer, mas o apresentam de maneira monótona e sem

expressão, atolada em muitos detalhes. Mesmo aqueles que obtêm um bom ponto extra ou dois podem simplesmente falar por muito tempo, estendendo a reunião além do apetite de novos visitantes.

Talvez uma arena mais eficaz para a abordagem de testemunho seja a configuração menor nos lares e nos grupos de células. Os oradores são mais propensos a prestar atenção à linguagem corporal dos que os rodeiam nesses lugares menos formais. Olhos vítreos, mudanças, bocejos ou risadas e intenso contato olho-nos-olhos são todas indicações de como alguém está se saindo. Para aqueles que não conseguem traduzir essas dicas não verbais, pequenas reuniões são ideais para interrupções construtivas e delicadas (não do tipo rude) que podem abreviar um orador que fala muito.

Ainda assim, testemunhos em reuniões públicas podem ser extremamente eficazes, tocantes, engraçados e podem constituir pontos que uma mensagem negligenciou – quando são bem-sucedidos. Caso contrário, a soma total parecerá pouco mais do que divagações entusiasmadas. Falar em excesso pode ser arriscado em locais onde esperamos envolver os visitantes. Os participantes não devem deixar a sensação de que a inspiração que obtiveram no início da reunião foi desfeita, porque pensamos que mais era melhor. Na análise final, seja ela chamada profecia ou testemunho, a sugestão de Paulo provavelmente é a melhor: “fale dois ou no máximo três profetas” (1 Coríntios 14:29).

O poder da administração

Para um cara como eu, a ideia de administração da igreja nunca foi particularmente atraente. Parecia ter o gosto desagradável de arquivos, sessões de planejamento e tentativas de convencer os membros não cooperativos da igreja a se voluntariarem. No meu mundo, a “moeda do reino” estaria pregando e, nos dias anteriores, três em cada quatro jovens ambiciosos, clérigos locais, teriam concordado.

Não foi até eu tentar ajudar a liderar uma igreja de retorno e depois plantar uma igreja nova que eu percebi que “administrações” (cf. 1 Cor. 12:28) eram mais importantes do que eu jamais imaginara. De fato, ficou claro que, mesmo com um poderoso ministério falado, uma igreja e seus diversos ministérios entrariam em colapso rapidamente sem planejamento e ordem.

Embora as administrações na igreja pareçam algo escondido em um escritório, elas estão claramente expostas toda vez que há uma reunião pública da igreja. A estrutura real de uma reunião, sua localização, aparência, duração e uma série de outras informações devem ser determinadas. Haverá coleta de informações de novas pessoas? Como será tratado? Haverá

receptionistas na porta da frente para receber novas pessoas? Quem será e como será tratado? Haverá lanches? Quanto e de que tipo? Haverá acompanhamento musical durante o canto da reunião? Se sim, que tipo de instrumentos e qual o volume? Depois, há os problemas relacionados a áudio, vídeo e iluminação. Novamente, para que lado, quanto e quem? Em todos os casos, as pessoas, ou mais especificamente, as administrações, devem tomar inúmeras decisões intuitivas para liderar essas atividades.

Se deixarmos regularmente uma infinidade de detalhes à espontaneidade cega, produziremos as formas mais fracas e improdutivas de encontrar a vida. No mínimo, pode se tornar algo embaraçoso. Podemos tentar explicar por que “o Espírito” nunca leva alguém a limpar o local da reunião ou por que as próprias reuniões se transformam em maratonas de três horas por semana. Ou por que, quando “deixamos a vida cuidar disso”, acabamos coletando dados do visitante como uma reflexão tardia, tentando fazer com que os visitantes anotem informações pessoais em um pedaço de papel de caderno. Não devemos dar crédito ao Espírito por negligência, especialmente quando Ele fez muito para obter o resultado oposto.

Deus colocou diferentes tipos de administrações na igreja, desde a área de serviço infantil até a liderança geral da igreja incorporada no presbitério. Não importa o tamanho ou a forma, eles não são baratos. Os administradores são produzidos por Deus e colocados por Deus. Um ajuste errado se tornará em espinhos no lado de qualquer congregação.

Há muitas histórias de horror por aí sobre pessoas da igreja que desejavam responsabilidades administrativas por todos os motivos errados. Elas imaginavam o centro das atenções que incidiria sobre seus aspectos mais visíveis e a sensação de estar no comando. Onde quer que essas pessoas dominem, as lutas pelo poder se desenvolverão à medida que defendem seu território dos rivais em potencial. A equipe de serviço é o seu “bebê”.

Mas o verdadeiro ministério administrativo segue o caminho mais alto de trabalho em equipe, criatividade, planejamento e execução de planos. As pessoas que são talentosas dessa maneira são motivadas pelo efeito positivo que exercem na vida operacional da igreja. Sua colocação divina não é um empecilho para elas. É a paixão delas. Embora elas possam ficar cansadas e frequentemente frustradas, sua orientação final será sempre a de galvanizar os crentes e trazer coordenação entre eles.

Uma das piores coisas que os presbíteros da igreja poderia fazer é reservar todas as decisões para si. É quase certo que o esgotamento os atinja, pois eles são rotineiramente interrompidos com perguntas como que tipo de refrescos após a reunião devem ser feitos (passas de aveia ou lascas de chocolate?). Não apenas os líderes serão levados à distração por essas coisas, mas as administrações intra-igreja que devem lidar com esses assuntos acabarão

se atrofiando por desuso. As administrações prosperam sob responsabilidade. Capacite indivíduos e grupos para liderar a congregação de várias maneiras e a igreja florescerá.

Um pequeno dom com um grande impacto

Um dos dons mais gerais em qualquer formação deve ser as onipresentes “ajudas” mencionadas em 1Coríntios 12:28. “Prestar ajuda” descreve efetivamente qualquer serviço prestado à igreja que não seja especificamente mencionado. De fato, para muitas pessoas que passaram a se desenvolver em diferentes áreas do ministério, “ajuda” foi uma rampa para elas. Eles começaram em “Serviços de movimento” ou “Organização das cadeiras” ou “Cuidados com o gramado” antes de descobrir lentamente sua colocação em outro lugar. Um bom número, no entanto, descobriu que eles tinham o gene “help” (ajuda) e permaneceram felizes lá, continuando a oferecer assistência sempre que souberem de uma necessidade na igreja.

Nas reuniões, muitas vezes a ajuda toma a forma de dar os avisos, cumprimentar (recepcionar), colocar boletins nas cadeiras, trazer lanches, preparar música ou conduzi-la. Esses itens também não podem ser vistos como meramente “coisas práticas”. A ajuda de qualidade no domingo de manhã afeta diretamente os sentimentos de um visitante sobre a igreja e se eles querem voltar, antes mesmo de cantar uma música ou ouvir uma mensagem. Livros inteiros foram escritos sobre o assunto, como *First Impressions*, de Mark Waltz.

Quando ainda estava ativo entre as igrejas do Movimento, lembro-me de entrar em uma igreja local no sudoeste. Ninguém lá conhecia minha esposa ou eu. Estávamos na cidade visitando parentes e pensamos em aparecer na reunião da manhã de domingo. A instalação era a coisa mais feia da rua – não necessariamente do ponto de vista estrutural, que por causa de fundos limitados pode não ser culpa de ninguém, mas sua aparência cosmética era simples, sombria e institucional. Não havia tinta, sinal, paisagismo e nenhuma indicação de que houvesse algo remotamente amigável lá dentro. Uma vez que estávamos na porta, tive a impressão mais forte de indiferença e de um pouco de desprezo mal escondido. Isso foi antes que alguém soubesse que eu era da temida “área dos Grandes Lagos”. Até onde eles sabiam, eu simplesmente tinha andado pela rua. Mais tarde, meu discurso durante o testemunho foi recebido com olhares vagos. Quando a reunião terminou, minha esposa e eu recebemos alguns apertos de mão tímidos e depois fomos completamente ignorados. Eu estava oitenta por cento claro de que nunca voltaria para lá. No ano seguinte, quando voltamos e recebemos o mesmo tratamento, prometi nunca mais sombrear a porta deles. O que me levou a essa conclusão não foi uma rivalidade entre meio-oeste e sudoeste (que ainda estava a anos de erupção). Não, foi a completa ausência de “ajuda”.

Enquanto visitava a mesma cidade, alguns anos depois, mergulhei e participei de outra reunião em toda a cidade, que havia sido considerada pelas pessoas do Movimento Igreja Local como divisória e leprosa. Era apenas vagamente a Igreja Local em sua orientação e, como recebera uma imprensa tão contundente, fiquei relutante em ir para lá. Ao estacionar na entrada da garagem, imediatamente notei o terreno convidativo com cores quentes e grama cortada. Homens amigáveis nos cumprimentaram do lado de fora do prédio. Dentro das instalações, o tapete estava limpo, havia livros situados profissionalmente na parte traseira da sala de reuniões – todos cuidadosamente escolhidos do cristianismo clássico e contemporâneo. Tudo na decoração parecia bem conservador sem ser estéril. A música e a mensagem pareciam boas, mas não eram particularmente cativantes. Dei um testemunho (o que também foi bom, mas não particularmente cativante). Os participantes da reunião pareciam emocionados, no entanto, por eu ter me levantado, e apoiavam todas as minhas palavras com atenção extasiada e acenos de cabeça. Depois, minha esposa e eu conhecemos uma dúzia de pessoas amigáveis e depois almoçamos com algumas delas em um restaurante mexicano na rua, onde rimos, conversamos sobre o Senhor e comemos *tamales*. Foi uma experiência totalmente diferente do que no local aprovado pelo LSM, em grande parte graças a “ajuda”.

Anos depois, quando visitei minha família, fiz questão de visitar aquela igreja. Eventualmente, chegamos a termos tão bons que comecei a ministrar lá quando estava na cidade e minha família ampliada começou a acordar no domingo e a se dirigir para me ouvir. Mas eles eram menos propensos a se entusiasmar com as minhas mensagens do que as pessoas amigáveis, música e boa comida nos *potlucks*. Como pregador, nunca fiquei tão feliz em ser superado por “ajuda”, especialmente quando foi minha família que se beneficiou. No esforço geral do ministério, tudo conta, especialmente porque os seres humanos desejam calor e uma infinidade de toques especiais. Abrir espaço para “ajuda” permite que isso aconteça.

Os líderes da Igreja concordam conceitualmente com o tão elogiado “sacerdócio dos crentes”, mas atravessar esse rio é outra história. Na prática, isso envolve ajudar as pessoas a se identificarem com o que são e a que pertencem. Também requer uma mão suave de apoio. Em tempos de vitória ministerial, o mestre em obras, Paulo, nos instruiu a “alegrar-nos com os que se alegram”. No fracasso, “choramos com os que choram”. Dessa forma, os santos de Deus sempre sentirão que aqueles que os lideram são seus maiores fãs. Em uma atmosfera carregada de moral tão positiva, uma reunião da manhã de domingo ganhará vida à medida que inúmeras partes trabalham juntas para a glória de Deus.